



GT 38. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Coordenador(es):

Edward John Baptista das Neves MacRae (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Regina de Paula Medeiros (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

Religião, Sexualidade e Psicoativos: Reflexões sobre o fazer etnográfico em contexto de uso ritual da Ayahuasca em Santa Izabel-PA

Autoria: Rodrigo Calderaro Rocha (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Esta comunicação toma como objeto de reflexão a diversidade sexual presente no Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Juramidã ? Pará (CICLUJUR-PA), localizado no município de Santa Izabel-PA, bem como as relações estabelecidas pelos frequentadores LGBTQ e o ritual do Daime, a partir de uma etnografia resultante de dois anos de incursões em campo para a realização de work de conclusão de curso de graduação, que continua em curso durante o mestrado acadêmico. Também interessam-me os resultados e desdobramentos do consumo da bebida Ayahuasca na construção da sexualidade dos interlocutores, considerando-se as interfaces entre o consumo de psicoativos em contexto religioso e a diversidade sexual e de gênero. Em decorrência da presença em campo e das particularidades da observação participante em um grupo que bebe uma bebida psicoativa, surgem ao menos dois questionamentos de natureza ética e acadêmica relacionados ao posicionamento do pesquisador: Em primeiro lugar, busco pensar os efeitos éticos e epistemológico de tomar parte no ritual fazendo uso do Daime ao invés de adotar uma postura de vigília. Em segundo lugar, me pergunto quais parâmetros éticos adotar para investigar o lugar dado pelos interlocutores à manifestação da sexualidade em um contexto religioso marcado pela distinção entre homens e mulheres, considerando-se os tabus e práticas inerentes ao consumo do Daime (dieta), a performatividade de gênero (masculino e feminino) e o espaço que a sexualidade de pessoas homossexuais ocupa neste contexto. Observo o ritual do Daime como um uso urbano da Ayahuasca, no qual os grupos praticantes da doutrina encerram disputas marcadas por continuidades e contrastes dentro de uma mesma tradição que está em processo de expansão territorial. Também entendo o consumo ritual da ayahuasca como uma tecnologia biossocial que inscreve nos corpos dos participantes do rito os códigos inerentes à cosmologia do ritual, produzindo efeitos de ordem moral com desdobramentos na manifestação do gênero e da sexualidade. Este panorama revela a existência de uma multiplicidade de grupos que podem divergir ou assemelhar-se



quanto à orientação ritual e vocacional dos ritos, gerando implicações e particularidades na socialização dos participantes e conseqüentemente, na manifestação da sexualidade e no acolhimento e integração de pessoas homossexuais nos grupos. Portanto, esta comunicação contribui para refletir o fazer etnográfico na discussão da construção do gênero e da sexualidade de pessoas a partir do uso dos psicoativos em contexto religioso e a relação entre pesquisador-psicoativo-interlocutor, característica deste posicionamento.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: